

## **Rei Martinho de Palmares da Vila de Angola: um vaga-lume intempestivo entre Brasil e África**

Doutorando Luciano Nascimento (PPGL/ UFSC)  
(Centro Cultural Cartola/ Museu do Samba Carioca)

### **Resumo:**

*O recente anúncio oficial da instalação de um cabo submarino de fibra ótica para comunicação entre Brasil e Angola é o mote para este trabalho, que discute, de uma perspectiva nietzscheana e benjaminiana, as intervenções do cantor, compositor e escritor Martinho da Vila, no cerne de um movimento contemporâneo e intempestivo de revalorização dos laços histórico-culturais Brasil X África. A abordagem se baseia nas leituras: i) da “Segunda consideração intempestiva”, de Friedrich Nietzsche; ii) das teses de Walter Benjamin “Sobre o conceito de História”; e iii) do ensaio “A sobrevivência dos vaga-lumes”, de Georges Didi-Huberman. Textos produzidos pelo artista brasileiro e pela agremiação carnavalesca da qual ele é expoente – a Unidos de Vila Isabel – serão comentados à luz das considerações dos pensadores citados. Ao fim, pretende-se demonstrar o potencial de “redenção” (cf. W. Benjamin) imanente à praxis de Martinho.*

**Palavras-chave:** Intempestividade, Rememoração, Contemporaneidade

### **1. Primeiras palavras**

O anúncio oficial da instalação de um cabo submarino de fibra ótica entre o Nordeste brasileiro e Angola (BRASIL, 2012) é muito mais do que um sinal do desenvolvimento tecnológico, político e econômico do Brasil: é fator histórico digno de nota e realce. Isso porque, como milhares de angolanos foram escravizados e trazidos para o Brasil entre os séculos XVII e XIX, é bastante claro que a ligação entre os dois países nem sempre se deu por interesses tão escrupulosos quanto esse anúncio agora faz parecer.

O justo resgate do indiscutível vínculo cultural advindo de tamanha diáspora, por sua vez, é um fenômeno, além de recente, não-espontâneo. Desde há algum tempo ele vem sendo orquestrado por indivíduos detentores de uma visão histórica que se poderia chamar de benjaminiana, e que os assemelha aos “vaga-lumes” de Didi-Huberman (2011). Pouco a pouco eles têm levado sua perspectiva a um número cada vez maior de pessoas, ao ponto de hoje em dia ser possível – e até um tanto recorrente – verem-se, ao lado de interesses comerciais, políticas públicas bilaterais de fomento ao intercâmbio memorialístico e cultural Brasil-África.

O estudo ora apresentado visa refletir sobre uma dessas iniciativas individuais e seus desdobramentos. Trata-se de observar aspectos da participação do sambista, cantor, compositor e escritor Martinho da Vila nesse processo histórico e sócio-cultural de religação de nosso país ao continente africano, e, ainda mais especificamente, a Angola. A abordagem está ancorada principalmente nas leituras: i) das teses de Walter Benjamin *Sobre o conceito de História* (1987); ii) da *Segunda consideração intempestiva*, de Friedrich Nietzsche (2003); e iii) do ensaio *A sobrevivência dos vaga-lumes*, de Georges Didi-Huberman (2011). Textos produzidos pelo artista brasileiro e pela agremiação carnavalesca da qual ele é expoente – o Grêmio Recreativo Escola de Samba (GRES) Unidos de Vila Isabel (doravante apenas “Vila”) – serão comentados à luz das reflexões dos pensadores citados.

Ao fim, pretendo demonstrar como a “simples” instalação de um cabo de

comunicação pode também materializar o transbordamento dos limites linguísticos da mera paronímia, e os primeiros passos em direção às searas da redenção benjaminiana. O “tráfico” virulento e absolutamente desumano virou “tráfego” benfazejo e até certo ponto humanista.

## 2. “Valeu, Zumbi!”

A fim de privilegiar a boa didática, é necessário esclarecer inicialmente que o método de exposição de Walter Benjamin será adotado, nestas páginas, tanto quanto seja possível. Assim, não há compromisso com uma linearidade temporal sucessiva (nem progressiva, nem regressiva). Prioriza-se, em vez disso, a sinalização das coordenadas espaço-temporais que configuram uma “constelação”, uma imagem instantânea do traçado que liga os *flashes* de fatos passados cuja lembrança um dado presente ativou.

Dito isso, comecemos pelo desfile da Vila em 2012. Nele mais uma vez as filigranas linguísticas dão o ar de sua graça, no título do enredo: “Você semba lá, que eu sambo cá! O canto livre de Angola”<sup>1</sup>. A aposição dos itens lexicais semba/ samba – em relação etimológica direta – realça o laço Brasil-Angola, e cria um tipo de vínculo que elimina as diferenças factuais existentes entre os dois países e entre os dois planos (espaço e tempo). Além disso, sinaliza que a apresentação da escola buscava reunir, poeticamente, o Agora e o Outrora, a América e a África, desta vez de maneira diferente daquela que infelizmente já houve.

Transcrever parte da letra do samba é mais elucidativo que tentar descrever as intenções do enredo. Vejamos:

Somos cultura que embarca/ Navio negreiro, correntes da escravidão/  
Temos o sangue de Angola/ Correndo na veia, luta e libertação/ A saga  
de ancestrais/ Que por aqui perpetuou/ A fé, os rituais, um elo de amor/  
Pelos terreiros (dança, jongo, capoeira)/ Nasce o samba (ao sabor de um  
chorinho)/ Tia Ciata embalou/ Com braços de violões e cavaquinhos a  
tocar/ Nesse cortejo (a herança verdadeira)/ A nossa Vila (agradece com  
carinho)/ Viva o povo de Angola e o negro rei Martinho. (VILA  
ISABEL, 2012)

Do ponto de vista do materialismo crítico de Walter Benjamin, a assunção de que “temos o sangue de Angola/ correndo na veia”, o reconhecimento da marca de uma “herança [alegadamente] verdadeira”, é condição *sine qua non* para a redenção de nosso povo e de nossa história. Afinal, “existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa” (BEJNAMIN, 1987, pp. 224-5), e honrar esse compromisso significa rememorar o sacrifício daqueles que morreram injustiçados, lutando por ideais ora alcançados (em termos relativos, pelo menos). Só trazendo o passado para o presente, só revivendo a luta dos antepassados é possível mantê-los a salvo, pois “(...) também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer” (id.).

Nietzsche (2003, p. 32) já afirmara que o conhecimento histórico deve servir aos “fins da vida [presente e futura], e, portanto, [deve estar] sob domínio e condução suprema desses fins”. Nesse sentido, o samba da escola carioca pretende advogar a existência de “um elo de amor” entre Brasil e Angola. Um elo que substitui os grilhões que Castro Alves viu prenderem os dois países, mas que não “apaga das vagas os trilhos” deixados pelos tumbeiros na superfície do oceano em cujo leito um cabo de fibra ótica para a recíproca transmissão de dados em breve repousará.

Por outro lado, numa análise formal (discursiva) da passagem citada, percebe-se que

---

1 Disponível em <<http://www.gresunidosdevilaisabel.com.br/>>, acesso em 27/03/2012. [grifo meu]

os índices de subjetividade – as desinências verbais ou os dêiticos, p.e., como Benveniste (2005) ensina – são um estopim para o processo de subjetivação que também contribui para o fulgor da imagem de superposição dos espaços e dos tempos, uma vez que suscita em quem canta a assunção da função-sujeito (cf. FOUCAULT, 2001) daquele enunciado. Dessa forma, todo componente, cantando, passa a momentaneamente ser negro acorrentado num “navio negreiro”. A identificação com o povo de Angola é ainda sugerida pela seleção lexical (na referência à miscigenação – o “sangue” – ou à religiosidade – “fé”, “rituais”, “terreiros”); a seguir, a invocação da memória de Tia Ciata e do “nascimento” do samba (metáfora também fortemente pontuada pelo léxico articulado no trecho) compõem a preparação para a chave-de-ouro: a coroação do “negro rei Martinho”<sup>2</sup>.

Essa “chave-de-ouro” pode parecer, para o observador mais cético, puro delírio retórico. E certamente há nela seu quê de efusividade lírica... (Como ser diferente, em se tratando de carnaval?) Mas, existem outras maneiras menos ácidas de avaliar essa expressão.

Além do fato de Martinho da Vila ser realmente bastante famoso naquele país africano – e talvez por isso possa ser chamado de “rei”, a exemplo de Roberto Carlos, Elvis Presley, Pelé etc – há ainda um elemento, intrínseco ao carnaval carioca, que justifica essa denominação. Com maior vigor, inclusive, no bojo de um estudo benjaminiano. Para compreender essa possibilidade, é preciso dar um salto de 24 anos...

O enredo para o desfile da Vila em 1988 foi concebido por Martinho. Nele era apresentada uma “Kizomba: a festa da raça”<sup>3</sup>, por meio da qual a escola

conclama[va] uma [sic] meditação sobre a influência negra na cultura universal, a situação do negro no mundo, a abolição da escravatura, a reafirmação de ZUMBI DOS PALMARES como símbolo da liberdade no Brasil. Informa-se sobre líderes revolucionários e pacifistas de outros países, conduz-se a uma reflexão sobre a participação do negro na sociedade brasileira, suas ansiedades, sua religião, e protesta-se contra a discriminação racial no Brasil e manifesta-se contra o apartheid na África do Sul, ao mesmo tempo que come-se [sic], bebe-se, dança-se, canta-se e reza-se, porque, acima de tudo, Kizomba é uma festa, a festa da raça

---

2 Há ainda outros aspectos a abordar nessa passagem do texto, mas que não caberiam em tão poucas páginas. Destaco, entretanto, um recurso lítero-musical extremamente produtivo que tende a potencializar ainda mais o processo de subjetivação a que aludi anteriormente: há um trecho em que se pretende que a escola se apresente numa espécie de jogral, ou seja, com canto e contra-canto. Nos versos do samba em que aparecem parênteses, o cantor oficial da escola canta apenas as palavras fora dos parênteses, e o coral da escola responde com o que aparece dentro deles. É uma inovação que merece nota, uma vez que incita ainda mais à participação do componente desfilante, dá-lhe um papel, torna-o sujeito daquela enunciação, enfim.

3 O polêmico termo “raça” será utilizado, neste trabalho, apenas como forma de respeitar a escolha lexical adotada nos escritos do artista estudado, assim como a mais frequente no estrato linguístico inerente ao grupo social que, tangencialmente, está em análise.

negra.

[...] uma escola com características negras, onde todos os sambistas serão atores em desfile no Carnaval do Centenário da Abolição da Escravatura. (VILA, 1988) [grifos conforme original]

O desfile foi o grande campeão e até hoje é uma referência. Francioni (1988) diz que “O enredo conduziu os componentes a um sentimento de solidariedade. E o samba, com toda certeza, funcionou como uma espécie de hino dessa solidariedade”. A noção de “solidariedade” nesse contexto pode, sem dúvida, ser traduzida por “senso de pertencimento”<sup>4</sup>. O próprio texto do jornalista fala que os integrantes da escola “imaginavam que teriam que tirar leite de pedra, pois a quadra de ensaio lhes fora subtraída e, em consequência, não houve receita para montar um carnaval de sonhos”.

A “solidariedade”, o “senso de pertencimento” foi potencializado, decerto, por conta das circunstâncias sociais e políticas, de abrangência nacional, que emolduravam aquele desfile. Era o ano do centenário da Abolição; mas também era ano de finalização dos trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte, ou seja, meses depois do carnaval o Brasil teria uma nova Constituição. Além disso, no ano seguinte aconteceriam as primeiras eleições diretas para presidente da República (no centenário dela no Brasil), após mais de vinte anos de regime militar imposto, e de um governo civil indiretamente eleito, cujo virtual mandatário principal (fiel depositário das esperanças democráticas de parcela significativa da população brasileira) sequer tomara posse, morrera após um longo período de agonia em rede nacional.

Como se pode ver, nosso país vivia um momento histórico em que os fatos do cotidiano inflavam-se de carga simbólica. Essa carga seria, de qualquer forma, hipertrofiada por um desfile carnavalesco convencional (isto é, aquele que, por si só, já propicia a carnavalização bakhtiniana, o extravasamento, a euforia, a quebra das regras). Entretanto, o desfile da Vila Isabel provocou um transbordamento que alcançou estatuto de referência histórica e cultural porque, imerso nesse ambiente político-social efervescente, cada integrante da escola (todos “atores em desfile”, como propusera Martinho) se tornou um tipo de metonímia viva do “brasileiro-descendente-mestiço-do-negro-africano-vítima-da-diáspora-gerada-pelo-processo-de-escravidão-acionado-pelo-branco-colonizador-europeu”.

Nesse panorama, a falta de sede (de quadra, lar, amparo) do componente da Vila era um correspondente quase imediato da carência de teto, emprego, de Saúde e Educação, a que o negro e o mestiço brasileiros estavam sujeitos. Milhões de pessoas que tinham – e ainda agora continuam tendo<sup>5</sup> – sede (ânsia, desejo) por liberdade, igualdade, justiça, dignidade. Por respeito, em uma palavra. Gente que sinceramente queria/ quer “que o *apartheid* se [destruísse] destrua”, como dizia o samba-enredo de vinte e cinco anos atrás – ainda tão atual. Por tudo isso o grito “Valeu, Zumbi!”, primeiras palavras do samba-enredo da Vila naquele ano, virou quase um mantra, e até hoje ecoa na memória coletiva dos foliões no Rio de Janeiro, quiçá em boa parte do território nacional<sup>6</sup>.

E Martinho foi o detonador desse processo, o mentor de toda essa comoção. O

---

4 E como se pode ler no parecer juntado ao processo de patrimonialização do samba carioca, “[...] o samba não é simplesmente um gênero musical, mas uma forma de expressão, um modo de socialização e um referencial de pertencimento” (BRASIL, 2007). [grifo meu]

5 Os dados recém-divulgados do Censo 2010 do IBGE (BRASIL, 2010) mostram que até hoje negros e mestiços ainda são a maioria da população brasileira, e também são menos instruídos e recebem menores salários, entre outras peculiaridades desfavoráveis a esse estrato social.

6 Foi possível ter prova disso ouvindo milhares de pessoas cantando em coro esses versos no “esquenta” para o desfile da Vila Isabel daquele ano, no sambódromo do Rio de Janeiro.

enredo era dele, como já foi dito nestas páginas, e, na leitura de suas palavras de então, é evidente o compromisso – pedagógico, até – com a rememoração, com a demonstração de uma outra perspectiva histórica, formada a partir do ponto-de-vista dos “perdedores de outrora”, em oposição à história dos vencedores, um inventário de documentos de barbárie (BENJAMIN, 1987, p. 225). Uma perspectiva, enfim, que buscava promover – mais do que apenas a inédita mas momentânea vitória de uma agremiação carnavalesca – a redenção da raça que por meio dela se punha em festa.

Francioni faz um comentário muito interessante acerca daquilo que, ainda em 1988, certamente contribuiu para a atual coroação desse sambista, “nobre” da escola de Noel: seu comportamento...

Desejo ressaltar que contribuiu para essa disposição a conduta exemplar do casal Ruça e Martinho da Vila. Até o momento em que a escola chegou na [*sic*] concentração, eles foram guerreiros. Dali em diante, foram nobres. Não os vi berrando aflitos durante o desfile, como fazem os dirigentes mais tensos. Quando os pude ver (e esses momentos foram raros, porque ambos foram discretos o tempo todo), transmitiam segurança e tranquilidade. Pareciam convencidos de que acabavam de liderar um trabalho para que a Vila fizesse um desfile histórico, o que, de fato, aconteceu. (FRACIONI, 1988)

Não é preciso recorrer a Maquiavel para assegurar que alguém que dá exemplo de elegância, altivez e segurança no momento da batalha (e quem acompanha as notícias sobre o desfile de escolas de samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro sabe como a expressão “batalha” pode chegar a ser pouco metafórica), comporta-se nobremente, como um verdadeiro “príncipe”. O bônus dessa feição é o respeito e a admiração dos seus súditos.

Martinho propôs “reafirmar” Zumbi como símbolo, e, na esteira dessa busca, acabou por tornar-se exemplo de liderança, como o fora o principal nome do Quilombo dos Palmares. Um insurgiu-se contra a escravidão física, literal; o outro, contra a ideológica, o *apartheid* (na África, oficial; no Brasil, oficioso). Ambos guiavam seus seguidores pois perceberam neles, talvez intuitivamente, homens que “sofriam e careciam de libertação”. Essa é a dimensão em que, segundo Nietzsche (2003, p.18) dá-se a observação crítica da história.

Martinho é – assim como Zumbi era – um observador crítico da história. Está atento ao “cortejo triunfante” (BENJAMIN, 1987, p. 224), pronto para impedir seu curso despreocupado e aleatório. O desfile da Vila em 1988 foi concebido como um momento de “tiros nos relógios” (id.), de suspensão temporal, de reflexão. Tudo isso fez deles (do sambista, principalmente, mas de sua agremiação também), sem exagero, em se considerando a nebulosa conjuntura sócio-política do Brasil no final da década de 80, exemplos de “vaga-lumes”, como no-los apresenta Didi-Huberman (2011): sobreviventes “apesar de”.

### **3. Entre pirilampos e holofotes**

Apesar de em 1988 o país ainda tatear tentando fugir do rastro de toda “obscurecência” – com o perdão pelo neologismo – do período mais infeliz da nossa curta história republicana; apesar da investida do Estado e das mídias que, com a criação do sambódromo do Rio (quatro anos antes), davam novo ânimo ao seu controle disciplinar (cf. FOUCAULT, 2007) sobre o espetáculo supostamente popular das escolas de samba; apesar das limitações financeiras e da falta de sede, a Vila Isabel sagrou-se campeã do carnaval com um desfile sem grande luxo, mas que invocava, no enredo arrebatador de Martinho da

Vila, a definitiva presença remota de Zumbi dos Palmares na avenida, e começava a configurar uma nova relação memorialística entre o Brasil e a África.

Vinte e cinco anos se passaram e o Brasil já avançou muito na consolidação de sua democracia; o carnaval das escolas de samba se tornou um evento de alcance planetário, muito em função do espetacular avanço nos meios de transmissão – a internet, por exemplo, hoje difundida por quase todo mundo, ainda era uma espécie de segredo militar estadunidense no final dos anos 80 –; uma miríade de personalidades desfilam pela rua Marquês de Sapucaí a cada agremiação que a cruza durante os dois dias de desfiles oficiais; não havia (em 2012) comemoração de nenhuma data de especial interesse no âmbito das discussões raciais... e, ainda assim, Martinho da Vila, por iniciativa de sua própria escola, foi coroado rei.

Da Vila? do Rio? de Angola, ou do Brasil? da América ou África? pouco importa! Ele foi ovacionado por milhares de foliões espectadores tão logo o carro alegórico em que estava entrou na pista. Sua escola foi a primeira a ouvir do público os gritos de “É campeã!”<sup>7</sup>. Nada apagou o brilho de Martinho, nem da Vila. Nem os holofotes, nem as outras escolas, as outras possibilidades de destino turístico, as dezenas de opções de canais fechados de televisão, as infinitas janelas da internet... Nada distraiu os milhões de pessoas que cantaram com a Vila e aplaudiram seu grande baluarte, apesar de tudo.

A coroação de Martinho foi a coroação de suas ideias, de sua coragem de, em plena comemoração do centenário da Abolição da Escravatura no Brasil, ter colocado o dedo na ferida, e ter apontado o quanto a liberdade do negro ainda era relativa: ao mesmo tempo em que, no Brasil, Zumbi e Anastácia enfrentavam o risco da folclorização e do esquecimento, na África do Sul o *apartheid* vigorava. Martinho já praticava, há um quarto de século, o salutar exercício a que Agamben condicionou o “ser contemporâneo”:

[...] manter o olhar fixo na sombra da [própria] época, mas também perceber nessa sombra uma luz que, dirigida [do passado] até nós, se afasta infinitamente de nós. Isto é: chegar pontualmente a um encontro ao qual só é possível faltar. (AGAMBEN, 2009, p. 62)

Tamanha capacidade individual de analisar criticamente o tempo (sobretudo aquele em que se vive), e de agir artística e politicamente no encaixe da re-torção de distorções históricas, sempre culmina, em maior ou menor grau, numa atitude pedagógica. Nietzsche diz:

Para que o homem de ação não se desanime e sinta nojo em meio aos passeantes fracos e sem esperança, em meio aos seus contemporâneos que aparentemente agem, mas que em verdade permanecem apenas agitados e irrequietos, ele olha para trás e interrompe o curso até sua meta, a fim de respirar ao menos uma vez. Mas sua meta é uma felicidade qualquer, talvez não a sua própria e sim, frequentemente, a de um povo ou a da humanidade como um todo; ele foge da resignação e utiliza a história como um meio contra a resignação. Na maioria das vezes não há o aceno de nenhum pagamento a não ser a fama, ou seja, a candidatura a um lugar de honra no templo da história onde ele mesmo pode ser uma vez mais mestre, consolador e admoestador. Pois seu lema é: aquilo que uma vez conseguiu expandir e preencher mais belamente o conceito de ‘homem’, também precisa estar sempre presente para possibilitar isso. (NIETZSCHE, 2003, p. 18)

Disso se pode concluir que, se o detentor dessa capacidade e dessa força da ação

---

7 A Vila Isabel recebeu o prêmio Estandarte de Ouro (oferecido pelo jornal O Globo) de melhor escola do desfile de 2012, além de mais quatro outros estandartes, em outras categorias. Foi a 3ª colocada na apuração oficial do julgamento dos desfiles do Grupo Especial pela Liga Independente das Escolas de Samba/ Riotur.

integra um ambiente escolar (o professor de História, ou o de Literatura, p.e.), a magnitude do efeito de suas atitudes tende a ser muito maior. Também é possível inferir que o resultado de pequenas subversões cresce em progressão geométrica, então, quando se trata de uma escola de samba – que, sem nenhum menosprezo nem romantismo, também é uma escola, com seus vícios e virtudes, como todas são, mas cuja visibilidade instantânea é muitíssimo maior do que as outras, convencionais –, e é praticamente impossível fazer estimativas de alcance desse processo.

O desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro é acompanhado anualmente por um número cada vez maior de pessoas, pela televisão aberta, pelos canais fechados de TV (via satélite, ou a cabo – como o que vai ser instalado permitirá) e pela internet. A despeito dessa inegável popularidade – ou, talvez, por causa dela mesma –, há muitas críticas a essa manifestação cultural, tachada, entre outras coisas, de alienante e detratora do potencial de mobilização das camadas mais pobres da população.

Sendo, de novo, um pouco menos ácido, é fácil notar que, nesse panorama, a menor centelha de crítica histórica, se adequadamente arejada, pode principiar uma fogueira, e daí para um grande incêndio é apenas um passo. Foi esse o processo que Martinho da Vila começou em 1987, quando “imaginou” “kizomba, a festa da raça”, enredo que, no ano seguinte, inflamou os componentes do GRES Unidos de Vila Isabel, e depois se alastrou por todo o sambódromo, para, mais de vinte anos depois, reacender as chamas do orgulho racial e da rememoração no Rio de Janeiro. O samba da escola em 2012 é claramente desejoso dessa rememoração: “incorpora outra vez Kizomba/ e segue na missão/ Tambor africano ecoando [...]/ forja o orgulho, chama pra lutar” (destaque nosso). Logo, pode-se dizer que é uma composição que se alinha perfeitamente com o pensamento crítico histórico-materialista benjaminiano, que tem no compromisso com uma “missão” que remonta ao passado uma de suas principais bandeiras.

Certamente foi pensando em fenômenos assim que Didi-Huberman (2011, p.67) afirmou que é possível “reconhecer no mínimo vaga-lume uma resistência, uma luz para todo o pensamento”, e que, para tal, o homem conta com seu “modo de imaginar”, onde “jaz fundamentalmente uma condição para nosso modo de fazer política”. Martinho estava fazendo Política em 1988, e a maior prova do sucesso de sua empreitada não foi sua “coroação” na letra do samba da Vila de 2012, mas, sim, a transformação da própria escola numa revoada de vaga-lumes convictos de que “nos meus [deles] tambores, o sonho vive”.

E isso me leva a uma derradeira imagem... Quem sabe se justamente a superexposição tecnológica e midiática de que falávamos há pouco já não terá gerado a cena mais emblemática que a análise aqui empreendida poderia desejar. Talvez ela esteja apenas perdida entre os restos da edição de imagens de alguma emissora de TV, esperando ser encontrada por algum escafandrista buarqueano<sup>8</sup>... Nela se pode ver, numa tomada aérea da noite de uma cidade iluminada que “mais parece um céu no chão<sup>9</sup>”, um trilho de clarões mais fortes, como em procissão. Vaga-lumes? Não: holofotes. Poderosas lâmpadas midiáticas que, mesmo apontadas para pequenos pirilampos bacantes, de tão impotentes frente à luminescência daqueles mínimos insetos inflamados, sequer percebem o quanto do brilho deles elas já passaram a refletir.

## Por fim

---

8 HOLLANDA, Francisco Buarque de. **Futuros amantes**. Disponível em <

[http://chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=futurosa\\_93.htm](http://chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=futurosa_93.htm)>, acesso em 31/03/12.

9 Verso de CARVALHO, Hermínio Belo de. & VIOLA, Paulinho da. **Sei lá, Mangueira**. Disponível em <  
<http://www.vagalume.com.br/paulinho-da-viola/sei-la-mangueira.html>>, acesso em 30/03/12.

*Bem feliz quem ali pode nest'hora  
Sentir deste painel a majestade!  
Embaixo — o mar em cima — o firmamento...  
E no mar e no céu — a imensidade!*  
(CASTRO ALVES)

Haverá um cabo submarino de fibra ótica para transmissão de dados instalado entre o Brasil e Angola. Reviravolta histórica que permite parafrasear livremente versos do **Navio negreiro**: “embaixo – o futuro; em cima – o passado;/ e, entre eles, um oceano de rememoração.”

Martinho da Vila se antecipou a tudo isso, guiando sua escola pela mão. Ambos parecem ter compreendido bem “a utilidade da história para a vida”, que Nietzsche há tempos se esforçara para elucidar. Os “bens culturais” de que Benjamin falou, já não estão apenas nas mãos dos “vencedores de outrora”; o “cortejo triunfante” já conta com seu quinhão de redenção. E talvez ainda estejamos no começo desse processo, talvez o carnaval seja o veículo perfeito para que ele se consolide, talvez... São especulações, é certo. Possivelmente nada mais que fruto da imaginação.

Mas, como diz Didi-Huberman (2011, pp. 60-1), “a imaginação é política, eis o que precisa ser levado em consideração”.

## Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, G. **O que é ser contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó/SC: Argos, 2009.
- ALVES, Castro. **Navio negreiro**. Disponível em <<http://www.culturabrasil.org/navionegreiro.htm>>, acesso em 31/03/12.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política – Ensaio sobre literatura e história da cultura** (Textos escolhidos- vol. I). Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luzia Néri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. – 5ª ed. – Campinas, SP: Pontes, 2005.
- BRASIL, Min. das Comunicações. Cabo submarino vai interligar Brasil e Angola. In: **Portal Brasil**. Brasília, Portal Brasil, 2012. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2012/03/23/cabo-submarino-vai-interligar-brasil-e-angola>>, acesso em 25/03/2012.
- BRASIL, IBGE. **Censo demográfico de 2010**. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em <[http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados\\_do\\_censo2010.php](http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados_do_censo2010.php)>, acesso em 18/02/12
- BRASIL, Min. Cultura. **Matrizes do samba**. Brasília: IPHAN, 2007. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=940>>, acesso em 31/01/2012.
- CARVALHO, Hermínio Belo de. & VIOLA, Paulinho da. **Sei lá, Mangueira**. Disponível em <<http://www.vagalume.com.br/paulinho-da-viola/sei-la-mangueira.html>>, acesso em 30/03/12.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2007 [1975].
- \_\_\_\_\_. O que é um autor? In: **Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema** (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 264-298.
- FRANCIONI, Cláudio. Kizomba 1988 – Quem viu, viu. Quem não viu não verá jamais! **Jornal O DIA**. Rio De Janeiro, 17 de fevereiro de 1988. Também disponível em <<http://academiadosamba.com.br/memoriasamba/artigos/artigo-055.htm>>, acesso em

22/02/2012.

HOLLANDA, Francisco Buarque de. **Futuros amantes**. Disponível em <  
[http://chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=futurosa\\_93.htm](http://chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=futurosa_93.htm)>, acesso em  
31/03/12.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva**: da utilidade e  
desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

VILA, Martinho da. Kizomba: a festa da raça. In: LIESA. **Abre alas**. Rio de Janeiro:  
LIESA, 1988.

VILA ISABEL, G.R.E.S. Unidos de. “**Você semba lá, que eu sambo cá. O canto livre de  
Angola**”. Disponível em <<http://www.gresunidosdevilaisabel.com.br/>>, acesso em  
27/03/2012.